

O PAPEL DA UNIVERSIDADE NA ORIENTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS: CONTRIBUTOS PARA UM MODELO DE INTERVENÇÃO PSICOEDUCACIONAL

Maria do Céu Taveira¹
Departamento de Psicologia
Universidade do Minho

Resumo

Neste artigo defende-se que os anos de frequência da Universidade devem ser concebidos como um período de transição do processo mais longo de desenvolvimento vocacional e pessoal dos alunos e que a Universidade, enquanto instituição educativa, deve contribuir cada vez mais e melhor para o desenvolvimento de recursos humanos, facilitando atitudes, conhecimento e competências nos alunos para estes lidarem adequadamente com os desafios sociais, económicos e políticos do mundo actual e com os que se advinham para um futuro próximo. Neste sentido, considera-se que, no contexto universitário, a administração e os serviços académicos devem articular-se com os sistemas de apoio psicossocial e oferecer uma política, um conjunto de recursos e, um programa compreensivo e sequencial de actividades que facilitem a competência, o sentido de finalidade e a realização individual dos alunos e responda às necessidades específicas dos diferentes grupos que actualmente compõem a população estudantil no ensino superior. A este propósito, apresenta-se e discute-se um modelo de organização e desenvolvimento do apoio psicológico e educacional em contexto universitário e um modelo do processo da consulta psicológica de apoio à transição para o ensino superior, ambos baseados na experiência de organização de serviços de intervenção psicológica vocacional na Universidade do Minho.

Palavras chave: Intervenção vocacional; ensino superior; desenvolvimento psicossocial.

Introdução: a Universidade como mediador do desenvolvimento vocacional e pessoal dos alunos

A Universidade deve ser considerada como um período transitório na vida de um estudante. No entanto, todos sabemos quão importante pode ser esta transição na vida de uma pessoa, quer a nível académico, quer a nível social, quer mesmo a nível emocional e pessoal. É um contexto que pode e deve

¹ A correspondência relativa a este artigo deve ser enviada para Maria do Céu Taveira-Departamento de Psicologia, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Campus de Gualtar, 4700 Braga, Portugal, ou para o seguinte endereço electrónico: ceuta@teleweb.pt

facilitar e promover o desenvolvimento dos indivíduos em várias dimensões da sua existência e confrontar os estudantes com diferentes ideias, experiências, modelos e papéis de vida, preparando a entrada progressiva na vida adulta.

Nesta óptica, podemos encarar a entrada na Universidade como um equivalente dos rituais de passagem da adolescência para a vida adulta em outras culturas - é um período desafiante que exige a demonstração de vários aspectos críticos como a capacidade para ser independente, a capacidade para pensar e trabalhar por si próprio e, mais especificamente, aquilo que Dewey (1913) designou por *atenção voluntária*, ou seja, a capacidade para dirigir as suas energias para objectos ou tarefas com finalidades remotas, neste caso, para ser generativo, criar projectos de sua autoria, desenvolver trabalho solitário, controlar a sua atenção e ser capaz de chegar a um produto final (in Larson, 2000, p. 224). E, ainda, a capacidade para evoluir nas relações de trabalho e para construir relações de intimidade e, a capacidade para se preparar para a vida profissional e para conquistar um estilo de vida desejado (Seligman, 1994). Todos estes aspectos constituem passos importantes para um estado de autonomia e para a entrada progressiva na vida adulta por parte dos jovens universitários.

Ao mesmo tempo, o desenvolvimento destas capacidades e competências tem sido mencionado como um mecanismo eficaz na preparação de recursos humanos de qualidade e de uma força de trabalho jovem competitiva, capaz de lidar adequadamente com as exigências do mundo social e económico moderno (cf. Talavera & Medrano, 1998; *Career Development Quarterly*, vol.48, nº4, Junho de 2000).

A este propósito, partilhamos da opinião que defende que as instituições educativas, incluindo a Universidade, devem assumir-se como entidades vocacionalmente mais relevantes e com um papel de charneira no desenvolvimento dos recursos humanos que caracterizam a força de trabalho do próximo século (ex: Herr, 1998, 2000). Ou seja, será importante que a Universidade esteja mais atenta aquilo que é necessário recorrer e fazer para ajudar os alunos a adquirir e a desenvolver não só os conhecimentos como também as atitudes e competências críticas para as suas vidas de trabalho futuras. E, como refere Herr, apesar das escolas de ensino superior não terem o mesmo impacto nesta matéria que as escolas de ensino Básico e Secundário (dado o número menos elevado de alunos que abarcam), têm com certeza maior influência naqueles que constituirão a elite social e intelectual da sociedade e que, em geral, inclui muitos dos gestores, profissionais especializados, cientistas, artistas e políticos da nação (Herr, 1998, p.670).

Entendemos também que a Universidade não deve estar sózinha nesta responsabilidade e que será necessário que este tipo de preocupações seja assumido também, entre outros, pelos serviços de consulta psicológica e de orientação e aconselhamento de universitários. Aliás, as alterações sociais e

económicas das últimas décadas têm provocado uma forte viragem no foco da intervenção psicológica em contexto universitário. A noção tradicional e já ultrapassada de que o desenvolvimento vocacional dos estudantes universitários é um acontecimento único que coincide com a graduação ou pós-graduação tem sido substituída por uma concepção mais útil que considera que os indivíduos, não as instituições, devem assumir a responsabilidade pelas suas trajetórias vocacionais e de vida (cf. Herr & Cramer, 1996). Assim, como Taveira *et al.* (2000) referem, apesar da orientação e colocação no emprego de universitários continuar a ser um aspecto importante dos serviços de psicologia nas Universidades e ter caracterizado durante muito tempo a intervenção psicológica no ensino superior, é cada vez maior a importância atribuída à promoção do desenvolvimento e da educação dos alunos, quer na esfera vocacional, quer nas esferas pessoal e social (exs: Astin, 1977, 1984, 1993; Bastos, 1993; Bastos & Gonçalves, 1997; Chickering, 1969; Chickering & Reisser, 1993; Ferreira, 1991*ab*; Ferreira & Almeida, 1997; Ferreira & Hood, 1990; Herr & Cramer, 1996; Leitão & Paixão, 1999; Pascarella, 1985; Pascarella & Terenzi, 1991; Rodríguez Moreno, 1999; Sánchez Garcia, 1999).

Como consequência, a intervenção psicológica no ensino superior passou a integrar um leque variado de actividades, que vão desde a informação escolar e profissional, a consulta psicológica vocacional e pessoal, a psicoterapia e o apoio psicopedagógico, passando pelos sistemas de apoio de pares e os seminários de planeamento vocacional e pessoal, até às intervenções de educação vocacional e de educação para a saúde, às intervenções psicoeducacionais apoiadas por computador e telemática e, às medidas de apoio médico e social, entre outras (Herr & Cramer, 1996; Mattas, 1999, in Taveira *et al.*, 2000).

A finalidade principal é procurar responder também, de modo mais efectivo, às necessidades e problemas de uma nova população universitária, com diferentes tipos de alunos (ex: estudantes tradicionais, estudantes-trabalhadores, mulheres, etnias minoritárias, estudantes com deficiência), a partir de uma abordagem multicultural e desenvolvimental (Rayman, 1999; Sue & Sue, 1999).

O Serviço de Consulta Psicológica e de Desenvolvimento Humano da Universidade do Minho (SCPDH-UM)², nomeadamente a sua unidade de

² O Serviço de Consulta Psicológica e de Desenvolvimento Humano da Universidade do Minho está a funcionar em pleno desde 1993 e conta actualmente com as unidades de Consulta Psicológica de Clínica e da Saúde de Adultos, Consulta Psicológica de Clínica e da Saúde de Crianças e Adolescentes, Consulta Psicológica Vocacional, Consulta de Aprendizagem e Rendimento, Consulta de Justiça e Consulta de Desporto. A Universidade do Minho (UM) foi criada em 1975, está situada a norte de Portugal, na província do Minho, região com uma elevada densidade populacional, de forte dinamismo empresarial, marcada essencialmente pela pequena e média empresa. A UM ministra presentemente vários cursos de licenciatura e um leque

Consulta Psicológica Vocacional, tem-se desenvolvido com uma política de funcionamento que reflecte muitas das preocupações e convicções anteriormente expostas. Em seguida apresentam-se os objectivos e actividades principais desta unidade, referindo-se como é que a mesma está actualmente a conceber o seu papel na promoção do desenvolvimento dos alunos da Universidade do Minho.

O papel dos serviços de intervenção vocacional no desenvolvimento dos universitários: o caso da Consulta Psicológica Vocacional da Universidade do Minho

A Consulta Psicológica Vocacional foi criada como unidade independente do SCPDH-UM em 1998 e conta com a colaboração de seis psicólogos, três dos quais são colaboradores externos. É um serviço que procura responder a necessidades e pedidos de intervenção vocacional da comunidade universitária bem como desenvolver e ensaiar, em colaboração, programas de educação e desenvolvimento vocacional para crianças, jovens e adultos, tanto da comunidade universitária como da comunidade envolvente. Desenvolve também actividades de supervisão, de consultadoria e de formação junto de psicólogos, professores e profissionais de saúde no domínio vocacional. Os clientes que mais procuram o serviço são os alunos dos primeiros dois anos das licenciaturas da UM e os alunos do ensino Básico e Secundário, filhos de docentes e funcionários da Universidade, ou a frequentar escolas na comunidade envolvente. Em número crescente, mas com menor incidência, recorrem os alunos dos anos intermédios e dos últimos anos das licenciaturas e os diplomados pela UM ou por outras universidades portuguesas, à procura de emprego ou já inseridos no mercado de trabalho. As problemáticas mais comuns são as questões de indecisão e desajustamento face ao curso, a ansiedade face a situações de avaliação e de tomada de decisão, as perturbações de humor e os problemas de realização académica e, mais recentemente, os pedidos de ajuda no planeamento da vida, tanto no plano vocacional como no plano pessoal.

A Consulta Psicológica Vocacional. Apesar da diversidade de modalidades de intervenção desenvolvidas naquela unidade, a consulta psicológica está, sem dúvida alguma, no centro do seu projecto de actividades. O modelo adoptado neste tipo de intervenção é o que temos vindo a designar por uma *abordagem desenvolvimental centrada na relação* (cf. Drumond & Ryan, 1995;

diversificado de pós-graduações, distribuídos por uma população estudantil que ultrapassa os 15 000 alunos, 7% dos quais dizem respeito a pós-graduação.

Kelly, 1997; Walsh & Osipow, 1990). Em termos muito gerais, significa, em primeiro lugar, que nos baseamos essencialmente nos princípios da psicologia do desenvolvimento para conceptualizar a ajuda às questões vocacionais. Isto implica ter em consideração, como ponto de partida de qualquer intervenção, a fase e os níveis de desenvolvimento dos clientes e adaptar as estratégias de consulta a essas características, procurando promover tanto o desenvolvimento vertical como horizontal através da utilização de uma variedade de estratégias. Ou seja, assume-se que é necessário aceitar o cliente tal como ele é (o modo como pensa, sente e age), analisar como é que se situa em termos do desenvolvimento vocacional e, apoiá-lo, sempre que possível, a mover-se para estádios qualitativamente superiores.

Esta abordagem caracteriza-se ainda por um esforço de integração das dimensões humanista e técnica da consulta psicológica. Isto significa que a relação de ajuda constitui o foco da intervenção. Acreditamos que o desenvolvimento humano é um processo de auto-construção que ocorre no contexto das relações interpessoais e que a subjectividade pessoal se constroi igualmente no contexto dessas relações. Além disso, considera-se que a relação de ajuda não existe independente da técnica, extendendo-se através dela, que tal relação é o contexto de integração da técnica e que esta constitui um componente instrumental secundário. Em conclusão, respeita-se a necessidade de técnica mas propõe-se os elementos humanistas—representados na relação de ajuda psicológica—como o aspecto central da consulta.

FASES DO PROCESSO DE CONSULTA VOCACIONAL. O modelo de processo adoptado nesta consulta baseia-se nas contribuições de Spokane (1991) e de Gysbers, Heppner e Johnston (1998) e pode descrever-se através de quatro fases -INICIAR, EXPLORAR, COMPROMETER E FINALIZAR- todas elas tendo como base fundamental, a aliança relacional entre psicólogo e cliente.

Na primeira fase do processo de consulta, INICIAR, as tarefas principais do psicólogo são: estabelecer um contexto relacional de ajuda com o cliente; avaliar expectativas e identificar, clarificar e especificar os pedidos, problemas e/ou objectivos do cliente, dando uma especial atenção ao modo como o mesmo pensa e sente sobre eles; despistar a psicopatologia; e, estabelecer um contrato de intervenção. A estrutura e a aceitação constituem duas técnicas fundamentais desta fase do processo da consulta vocacional e a reacção mais esperada por parte do cliente é a de um certo alívio ou descompressão face ao seu problema ou indecisão e a esperança na clarificação ou resolução.

A Segunda fase, de activação da EXPLORAÇÃO, envolve a compreensão do comportamento e atitudes do cliente, o estabelecimento de hipóteses e uma atenção especial às características individuais do mesmo que podem influenciar o seu comportamento (ex: sexo, etnia, crenças religiosas); a compreensão das condições do contexto ou contextos relacionados com o problema ou dilema do cliente; estar atento e responder a possíveis resistências do cliente; desenvolver objectivos e planos e avaliar os resultados do

desenvolvimento da aliança relacional estabelecida. Por outro lado, faz ainda parte desta fase do processo proporcionar, através, por exemplo, da informação, do recurso à reflexão, à clarificação, à imagética guiada, a questionários e a testes de realidade, o ensaio de aspirações e a fantasia no cliente e, ajudar a identificar incongruências e zonas de conflito. Esta fase do processo pode gerar níveis mais elevados de ansiedade no cliente. Pode ser importante o apoio emocional e o reforço como técnicas. Da parte do cliente espera-se um certo grau de excitação, a mobilização de comportamentos abertos e encobertos construtivos (exs: exploração, crenças vocacionais), sentimentos de auto-eficácia na exploração e na decisão vocacional e *insight*.

Na terceira fase do processo, COMPROMETER, os objectivos principais do psicólogo deverão ser: ajudar o cliente a reduzir a ansiedade resultante da exploração; ensinar ou reforçar o compromisso afectivo, cognitivo e comportamental do cliente com opções exploradas; envolver o cliente em testes da realidade; e, avaliar resultados. Uma das tarefas principais do psicólogo, nesta fase, volta a ser a gestão da ansiedade. A reacção principal esperada no cliente é o compromisso.

A terceira e última fase do processo, de FINALIZAÇÃO, implica antecipar os passos e apoios necessários para o sucesso da concretização da solução/plano/opção desejada pelo cliente; sensibilizar para a necessidade de um *follow-up* do processo e, concluir o processo de finalização da aliança relacional. A reacções principais esperadas no cliente são a satisfação e a certeza e o sentimento de independência relacional no que respeita o psicólogo.

Actualmente existe no Serviço de Consulta Psicológica Vocacional da UM uma Consulta de Apoio à Transição, para alunos do 1º ano da Universidade (individual) e uma Consulta de Apoio à Tomada de Decisão para todos os alunos da Universidade (individual) e para os alunos do ensino Básico e Secundário da comunidade envolvente (individual ou de grupo).

Inicialmente voltada para a resposta a pedidos dos alunos da Universidade, a Consulta Psicológica Vocacional da UM tem vindo progressivamente a encetar estratégias de intervenção de cariz mais preventivo, oferecendo actividades e meios de informação, de aconselhamento e de consulta que apesar de não serem pedidas pelos alunos, vão de encontro às suas necessidades e problemas, tal como têm sido avaliados em estudos prévios efectuados com os alunos da própria Universidade (exs: Almeida & Ferreira, 1999; Belo de Azevedo, 1999; Bastos, 1993; Carneiro, 1999; Soares, 1998; Tavares, Santiago, Taveira, Lencastre e Gonçalves, 2000) ou com alunos de outras universidades portuguesas (exs: Abreu, Leitão, Paixão & Brêda, 1996; Diniz & Almeida, 1997; Leitão e Paixão, 1999; Marques & Miranda, 1993; Medeiros, Ferreira & Ponciano, 1997; Tavares, Santiago, Lencastre & Soares, 1996).

Como estratégia procurou-se sempre, em primeiro lugar, avaliar o que já existia na UM, em termos de iniciativa e de contexto propício aquele tipo de

intervenção e, só a partir daí, propor aos serviços, grupos ou pessoas responsáveis, a reorganização das suas actividades com vista ao prosseguimento dos objectivos de intervenção pretendidos.

O princípio base que presidiu a esta estratégia é considerar que em geral, as intervenções que são prescritas ou simplesmente acrescentadas ao que já existe são menos eficazes e eficientes do que aquelas que têm em linha de conta a história e a natureza do contexto de intervenção e contribuam para sensibilizar e mobilizar as pessoas que têm responsabilidades pelo processo educativo dos estudantes para o plano de intervenção desejado. De referir ainda que nas actividades propostas, procurou-se ir ao encontro das necessidades de diferentes alunos das Universidade (alunos das fases iniciais, intermédias e finais dos cursos de graduação e pós-graduação).

Destacam-se quatro dessas actividades:

- (i) elaboração de um Boletim de Aconselhamento Vocacional dedicado a estudantes e professores;
- (ii) oferta de um programa de apoio psico-pedagógico -“*Abordagens ao estudo*”- a todos os alunos do 1º ano da UM;
- (iii) participação na reedição do Guia de Pós-Graduações da UM que resultou na elaboração de um meio mais intencional de informação vocacional;
- (iv) criação, em colaboração, de um Observatório Permanente de Emprego dos diplomados em Educação e Psicologia da UM, para estudar formas de apoiar os estudantes da Universidade a tornarem-se mais competentes neste âmbito.

Em seguida, a título exemplificativo, apresenta-se a metodologia e os resultados de uma dessas actividades de educação e desenvolvimento vocacional, o Boletim de Aconselhamento Vocacional.

Informação e Aconselhamento Vocacional. Recentemente, passou a distribuir-se, mensalmente, nos dois *campus* da UM³, com a colaboração dos Serviços de documentação da Universidade, um boletim escrito de Aconselhamento Vocacional que esclarece os alunos sobre temas do desenvolvimento vocacional e sobre as vantagens de recorrer ao serviço não só para a resolução dos seus problemas académicos, sociais e emocionais mas também para aumentar a auto-compreensão e a auto-análise, para explorar e compreender o meio envolvente e para se desenvolverem enquanto estudantes e como pessoas⁴.

³ O campus de Gualtar, em Braga e o campus de Azurém, em Guimarães, duas cidades centrais da província do Minho, com 20kms de distância entre si.

⁴ No ano lectivo de 2000/1, a colecção de boletins compõe-se de uma série de dez números com os seguintes temas: N°1: Mitos e crenças vocacionais; n°2: Competências na auto-avaliação; N°3: Como fazer um balanço de competências?;N°4: Como explorar o mundo académico e profissional?; N°5: Preocupações de carreira dos estudantes universitários; N°6: Sucesso

O desenvolvimento vocacional ou da carreira é descrito, nos referidos boletins, como um processo contínuo de desenvolvimento do *self*, de carácter sistemático e intencional, através da interacção e integração dos diferentes papéis (estudante, trabalhador, lazer, familiar, cidadão), contextos (casa, escola, comunidade, emprego) e acontecimentos de vida (entrar na universidade, casar, arranjar um emprego) (Gysbers, Heppner & Johnston, 1998; Super, 1990). Sugere-se que os alunos se focalizem num papel da vida e o relacionem com todos os restantes, apreciem a influência de vários contextos nos seus papéis de vida e antecipem o possível impacto que os acontecimentos planeados e não planeados, bem como os não acontecimentos, podem ter na tomada de decisões e no planeamento da sua carreira (Gysbers, Heppner & Johnston, 1998, p. 7; Schlossberg, 1992)

Nesses mesmos boletins oferece-se a possibilidade de os alunos poderem frequentar uma consulta de desenvolvimento vocacional no Serviço que possibilite, entre outros aspectos:

- (i) Aprender mais sobre o Campus, a Universidade e sobre os novos contornos do papel de estudante no ensino superior;
- (ii) Analisar as suas atitudes face aos projectos de trabalho escolar, os planos que têm para os realizar, o tipo de abordagem e a autorregulação nas tarefas de estudo individual bem como o seu estilo de vida enquanto alunos do ensino superior;
- (iii) Aumentar a sua consciência vocacional, isto é, utilizar o desenvolvimento vocacional e pessoal como uma lente para identificar, descrever e compreender as dinâmicas do seu passado, presente e futuro e aumentar a capacidade para visualizar um plano da sua carreira;
- (iv) Planear pequenas mudanças na sua trajectória vocacional, conducentes a planos de carreira mais satisfatórios para o próprio e para a sociedade;
- (v) Aprender a realizar um balanço de competências pessoais e profissionais para prevenir dificuldades na tomada de decisão e no planeamento da carreira e uma melhor gestão de recursos pessoais em momentos de transição (ex: transição para o mercado laboral);
- (vi) Compreender o mundo do trabalho através da exploração de segmentos do mundo profissional e do emprego de interesse para o próprio;
- (vii) Aprender a traduzir informação sobre o *self* e sobre o meio em objectivos de curto, médio e longo prazo e a proceder a pequenos testes de realidade.

académico no ensino superior; N°7: Como lidar com as situações de avaliação?; N° 8: Como me motivar para o estudo e para o curso? N°9: Objectivos e estratégias de aprendizagem; N°10: Empregabilidade no novo milénio.

Como consequência, começam já a surgir alguns alunos à consulta com pedidos de carácter desenvolvimental e preventivo, o que constitui um incentivo e um indicador de que as intervenções mais voltadas para a educação vocacional e para a activação do desenvolvimento psicológico dos alunos poderão, num futuro muito próximo, ser alvo de uma intervenção mais sistemática no referido Serviço.

O Boletim de Aconselhamento Vocacional tem permitido, além disso, sensibilizar os professores e responsáveis pela gestão da Universidade para o tema da educação e desenvolvimento vocacional e para a utilidade deste tipo de intervenções no *campus* e, ainda, para divulgar resultados genéricos da investigação sobre os factores de sucesso e de desenvolvimento dos estudantes da Universidade do Minho levada a cabo por diversos elementos do Serviço⁵.

Em simultâneo, e numa outra vertente de acção, o Serviço propôs a criação de uma rede de serviços de intervenção psicossocial na Universidade que teve a rápida adesão de várias unidades de apoio psicossocial da Universidade e que vai possibilitar, a curto prazo, também, oferecer um plano anual de actividades, muitas das quais voltadas para a promoção da integração, sucesso e desenvolvimento vocacional e pessoal dos alunos na sua transição pela Universidade do Minho (Taveira *et al.*, 2000). Um dos objectivos desta estratégia de acção conjunta é centrar a intervenção psicossocial em programas e não tanto em serviços e poder, a partir da troca e colaboração entre serviços, servir melhor os interesses e necessidades dos vários subgrupos de alunos graduados e pós-graduados da UM.

Conclusão

Estar na Universidade exige a conquista de um espaço social mas também a afirmação de uma mais valia intelectual e pessoal, através de atitudes e comportamentos positivos de trabalho e de relacionamento. Se os estudantes se sentem confiantes para lidar com os desafios do novo ambiente, a transição pelo ensino superior realiza-se sem grandes dificuldades. No entanto, muitas vezes, os estudantes não possuem as competências e recursos necessários para lidar com o papel de estudante no novo contexto nem com os

⁵ Referimo-nos mais especificamente à participação de vários elementos do serviço numa linha de investigação sobre os “Factores de Sucesso/Insucesso no Ensino Superior” (PRAXIS XXI), coordenado pelo Prof. Doutor Tavares da Universidade de Aveiro, com uma vertente de investigação básica sobre o tema e uma vertente de intervenção baseada no diagnóstico de necessidades. No caso do Pólo de investigação da Universidade do Minho, o desenvolvimento da intervenção concretiza-se no contexto do Serviço de Consulta Psicológica Vocacional.

acontecimentos de vida que este gera. Nessas circunstâncias está demonstrado que os estudantes podem beneficiar de diversas formas de apoio psicossocial que ajudam os alunos a lidar de modo mais adequado com as exigências do novo ambiente vocacional e com a redefinição do papel de estudante. Ao longo deste artigo defendeu-se que a Universidade bem como os seus serviços de apoio psicossocial devem assumir um papel mais predominante não só no acesso ao conhecimento por parte dos alunos mas também no seu desenvolvimento vocacional e pessoal, servindo de mediadores no desenvolvimento de recursos humanos de qualidade e de uma força de trabalho jovem competitiva, capaz de lidar adequadamente com o mundo do trabalho actual e futuro. Neste contexto, apresentou-se o modo como ao Serviço de Consulta Psicológica Vocacional da Universidade do Minho organiza a intervenção para a resolução de problemas e para a educação e desenvolvimento dos alunos. A adesão progressiva a que se assiste, quer nos alunos, quer nos professores e gestores da referida Universidade, às actividades de educação vocacional e de promoção do desenvolvimento dos alunos indica que esta orientação deve continuar a ser fortalecida naquele Serviço e que pode servir de incentivo a outras unidades de intervenção congéneres interessadas nesta linha de acção.

Referências bibliográficas

- Abreu, M.V., Leitão, L.M., Paixão, M.P. & Brêda, M.S. (1996). Aspirações e projectos pessoais, condições de vida e de estudo dos alunos do ensino superior de Coimbra. *Psychológica*, 16, 33-61.
- Almeida, L. & Ferreira, J.^a (1999). Adaptação e rendimento académico no ensino superior: fundamentação e validação de uma escala de avaliação de vivências académicas. *Psicologia: Teoria, investigação e prática*, 1, 4, 157-170.
- Astin, A (1984). Student involvement: a developmental theory for higher education. *Journal of College Student Personnel*, 25, 297-308.
- Astin, A (1993). *What matters in college? Four critical years revised*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- Astin, A (1975). *Preventing students from dropping out*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Bastos, A & Gonçalves, O (1997). O desenvolvimento psicológico do estudante do ensino superior: um estudo exploratório. *Revista ESEVEC*, 2, 43-56.
- Bastos, A (1993). *Desenvolvimento humano e intervenção psicológica em contexto educativo*. Dissertação de Mestrado. Braga: Universidade do Minho.
- Belo de Azevedo, S.I.M. (1999). *Auto-conceito e adaptação à Universidade em / alunos do 1º ano*. Tese de Mestrado. Braga: Universidade do Minho.

- Carneiro, J.C.P. (1999). *Adaptação à universidade e rendimento académico em alunos do 1º ano*. Tese de Mestrado. Braga: Universidade do Minho.
- Chickering, AW & Reisser, L. (1993). *Education and identity* (2nd ed.). San Francisco: Jossey-Bass.
- Chickering, AW. (1969). *Education and identity*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Dewey, J. (1923). *Interest and effort in education*. Southern Illinois Press, Carbondale, IL.
- Diniz, A M. & Almeida, L. (1997). Construção de uma escala de qualidade de integração no ensino superior (EQIES). *Psicologia: teoria, investigação e prática*, 2, 85-96.
- Drumond, R.J. & Ryan, C.W. (1995). *Career counseling: a developmental approach*. NJ: Englewood Cliffs.
- Ferreira, J. A & Almeida, L.S. (1997). Questionário das Vivências Académicas (QVA): fundamentação e procedimentos preliminares de construção. *Actas do Congresso Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*, Vol V(1). Braga: Ed. APPORT.
- Ferreira, J. A & Hood, A B. (1990). Para a compreensão do desenvolvimento psicossocial do estudante universitário, *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXIV, 391-406.
- Ferreira, J. A (1991a). As teorias interaccionistas e o desenvolvimento do estudante do ensino superior, *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXV, 91-105.
- Ferreira, J. A (1991b) Implicações das teorias cognitivas psicossociais e ambientalistas no desenvolvimento do estudante do ensino superior, *Ler Educação*, 5, 111-119.
- Gysbers, N.C., Heppner, M.J. & Johnston, J.A. (1998). *Career counseling. Process, issues, and techniques*. MA: Allyn & Bacon.
- Herr, E. & Cramer, S.H (1996). *Career guidance and counseling through the life-span. Systematic approaches* (4th ed.). NY: Harper Collins Publishers.
- Herr, E. L. (1998). The role of schools, universities and enterprises in human resource development of the work force for the 21st century. E.R. Talavera, C.V. Medrano (Eds). *Orientación de la carrera, recursos humanos y mercado laboral. Actas y Congresos*. (vol.1). Madrid: Universidade Nacional de Educación à Distancia, pp. 647-658.
- Herr, E. L. (2000). Collaboration, partnership, policy, and practice in career development. *The Career Development Quarterly*, 48, 4. 293-300.
- Kelly, E.W.Jr. (1997). Relationship-centered counseling: a humanistic model of integration, *Journal of Counseling & Development*, 75, 5, 337-345.
- Larson, R. (2000). The high school "Junior theme": as an adolescent rite of passage, In G. Adams, *Adolescent development. the essential readings*, OX: Blackwell Publishers Ltd. (pp.223-2240).

- Leitão, L.M. & Paixão, M.P. (1999). Contributos para um modelo integrado de orientação escolar e profissional no ensino superior. *Psicologia: teoria, investigação e prática*, 1, 191-209.
- Marques, J. F. & Miranda, M.J. (1993). Sobre o acesso ao ensino superior em Portugal: estudo de indicadores numa amostra de estudantes da Universidade de Lisboa. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 29, 111-140.
- Matas, S.G. (1999). *Cómo planificar el desarrollo profesional. Actividades y estrategias de autoorientación*. Barcelona: Laertes.
- Medeiros, T.A Ferreira, J.A. & Ponciano, E. (1997). *Caracterização do estudante da Universidade dos açores*. Comunicação apresentada no I Encontro de Serviços de Apoio Psicológico no Ensino Superior. Lisboa: Instituto Superior Técnico.
- Pascarella, E.T. & Terenzi, P.T. (1991). *How college affects students*. San Francisco: Josse-Bass.
- Pascarella, E.T. 819859. College environmental influences on learning and cognitive development; A critical review and synthesis. In J. Smart (Ed.), *Higher education: handbook of theory and research*. NY: Agathon.
- Pereira, A (1997). *Helping students cope: peer counselling in higher education*. Doctoral Thesis. University of Hull.
- Rayman, J.R. (1999). Career services imperatives for the next millenium. *The Career Development Quarterly*, 48, 2, 175-184.
- Rodríguez Moreno, M.L. (1999). *Enseñar a explorar el mundo del trabajo. Diagnóstico de las destrezas exploratorias y propuestas de intervención*. Málaga: Ediciones Aljibe
- Sánchez, M.F.G. (1999). *Necesidades y servicios de orientación universitária en la comunidad de Madrid*. Madrid: UNED.
- Schlossberg, N.K. (1992). Adult development theories: ways to illuminate the adult experience, in H.D. Lea & Z.B. Lebowitz (Eds.), *adult career development. Concepts, issues and practices*. (2nd. ed.), Alexandria: NCDA (pp. 2-16).
- Seligman, L. (1994). *Developmental career counseling and assessment* (2nd ed.9. CA: Sage Publications.
- Soares, A P (19989. *Desenvolvimento vocacional de jovens adultos: a exploração, a indecisão e o ajustamento vocacional em estudantes universitários*. Tese de Mestrado. Braga: Universidade do Minho.
- Spokane, A (1991). *Career intervention*. NJ: Prentice-Hall.
- Sue, D.W. & Sue, D. (1999). *Counseling the culturally different. Theory and practice*. (3rd. ed). NY: John Willey & Sons.
- Super, D.E. (1990). A life-span, life-space approach to career development. In D. Brown, L. Brooks & Associates, *Career choice and development*, (2nd Ed.) (pp.197-261). San Francisco: Jossey-Bass.

- Talavera, E.R. & Medrano, C.V. (Eds.) (1998). *Orientación de la carrera, recursos humanos y mercado laboral. Actas y Congresos* (vol.1). Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia.
- Tavares, J., Rui Santiago, R., Taveira, M.C, Lencastre, L.& Gonçalves, F. (2000). Factores de sucesso/insucesso no 1º ano dos cursos de licenciatura em Ciências e Engenharia do ensino superior (PRAXIS XXI), In *Actas do Seminário "Transição para o Ensino Superior"*. Braga: Universidade do Minho. Taveira, M.C., Maia, A, Santos, L., Castro, S., Couto, S., Amorim, P., Rosário, P., Araújo, S. Soares, A, P., Oliveira, H. & Guimarães, C. (2000). Apoio psicossocial na transição para o ensino superior: um modelo integrado de serviços. *Actas do Seminário "Transição para o Ensino Superior"*. Braga: Universidade do Minho.
- The Career Development Quarterly*, vol. 48, nº4, Junho de 2000 (Tema especial: Collaboration, parternship, policy, and practice in career development)
- Walsh, B.W. & Osipow, S. H. (1990). *Career counseling. Contemporary topics in Vocational Psychology*. NJ: LEA.